

“Mais perdido que...” – pesquisa sobre as várias formas de uma expressão lúdica na imprensa brasileira¹

Fernando P. Kuntschik²

Kauã D. dos Santos³

Vitor G. Zia⁴

(Orientador: Prof. Daniel Vieira da Silva⁵)

Resumo: Este artigo examina e discute variações em torno de uma expressão brasileira – “mais por fora que...” –, levantando a totalidade das muitas e variadas formas em que comparece na imprensa brasileira (no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional). Essa enumeração fornece um notável exemplo da jocosidade sempre dominante em nosso país: a criatividade a serviço do lúdico.

Palavras Chave: expressões brasileiras; lúdico na imprensa brasileira. criatividade e jocosidade.

Abstract: This article examines and discusses variations of a Brazilian expression – “mais por fora que...” –, exploring the various forms in which it appears in the Brazilian press (on the website of the Hemeroteca of the National Library). This enumeration provides a remarkable example of the humor that is always dominant in our country: creativity at the service of playfulness.

Keywords: Brazilian expressions; playfulness in the Brazilian press; creativity and humor.

1. Introdução: expressões jocosas contra um pretenso eruditismo

Esta pesquisa foi realizada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (abrev.: BN), como parte de um projeto que examina o lúdico em expressões brasileiras.

Partimos das indicações de Jean Lauand, no verbete “mais por fora que” em um de seus Dicionários de Expressões (LAUAND, 2023). Falando da jocosidade de nossas expressões, o autor afirma:

Do mesmo modo, são clássicas as expressões referentes a desorientação: “o cara está mais perdido do que” cego em tiroteio, cachorro em dia de mudança ou amendoim em boca de banguela.

Havia comparações para dezenas de outras instâncias: “Mais velho do que o rascunho da Bíblia” ou “do que andar para frente”, “mais enfeitado do que penteadeira de puta”, “mais feio do que bater na mãe” ou “do que briga de foice”, “mais chato do que gilete caída no chão do banheiro”, “mais amontoado do que uva em cacho”, “mais apertado do que sardinha na lata”, “mais enrolado do que briga de polvo”, “mais

¹ O tema deste artigo surgiu em diálogo de nosso orientador com a equipe editorial do Cemoroc, interessada em pesquisas sobre expressões populares na imprensa brasileira.

² Aluno da 3ª série do Ensino Médio do Colégio FraNSCarmo – São Paulo.

³ Aluno da 3ª série do Ensino Médio do Colégio FraNSCarmo – São Paulo.

⁴ Aluno da 3ª série do Ensino Médio do Colégio FraNSCarmo – São Paulo.

⁵ Mestre em Educação pela Unifesp. Professor de História do Colégio FraNSCarmo.

devagar do que tartaruga grávida”, “mais fácil do que tirar doce de uma criança”, “mais folgado do que colarinho de palhaço” etc.

De fato, o brasileiro faz piada com tudo. Tomamos um outro exemplo, próximo do que vamos estudar, vem do tempo em que se usavam cheques: criaram-se muitas e criativas metáforas – ainda hoje localizáveis na internet – para designar o cheque sem fundos, muito frequente na época. Apresentamos aqui uma lista, extraída do jornal “O Fluminense”, de 17-01-1994 (e complementada pela memória de alguns de nossos professores): Cheque voador - nunca aterrissa, Cheque borrachudo - sempre bate e volta, Cheque boi - o caixa do banco o recebe e diz “hummm!”, Cheque capim - só burro aceita, Cheque ressaca - no dia seguinte dá dor de cabeça, Cheque Peixe - Bate no banco e ... nada, Cheque Boemia - Aqui me tens de regresso, Cheque Bailarino - Quem apresenta no caixa, dança, Cheque Sibéria - É frio mesmo, Cheque Mendigo - Está sempre descoberto, Cheque Bumerangue - Vai e volta, Cheque Cowboy - Só recebe quem saca primeiro, Cheque Bom Filho - Sempre acaba voltando, Cheque Coruja - Só funciona à noite em bares, restaurantes, etc., Cheque Pombo - É solto em uma praça para bater em outra alguns dias depois, Cheque Atleta - Você emite e tem que sair correndo atrás dele.

Assim, junto com sua datação, examinaremos exaustivamente as diversas formas assumidas pela expressão “mais perdido que” na BN, como tipo do lúdico e da criativa jocosidade de nossa linguagem, presente também na imprensa.

Na época em que surge nossa expressão – tão popular e informal – em torno de 1970, certos setores da mídia e da cultura brasileira ainda estavam presos a um “eruditismo” postiço e afetado em detrimento da leveza, da graça e da espontaneidade da linguagem do povo. Nesse sentido, lemos no verbete “Se melhorar estraga” de Jean Lauand (LAUAND, 2024):

(...) Essa valorização do popular era uma reação contra a prática de usar uma linguagem afetada e pretensamente erudita, vigente em amplos setores do rádio e da televisão ainda na década de 60. Ficou célebre em 1967, a narração de certo locutor de rádio, em um jogo Corinthians x Palmeiras: “o facultativo esmeraldino adentra o gramado do próprio da municipalidade para atender o filho do Divino, grande figura da esquadra periquita”. Isso para dizer simplesmente que o médico do Palmeiras entrou em campo no Pacaembu para atender o Ademir da Guia...

E quando Chacrinha repetia, uma e outra vez, seu bordão “rrreallllmente”, era para ridicularizar a pronúncia forçadamente “correta” dos radialistas daqueles tempos...

Um exemplo dessa atitude rebuscada e parnasiana, está na letra da canção “Rosa” de Pixinguinha:

Tu és
Divina e graciosa, estátua majestosa
Do amor, por Deus esculpida
(...)
Tu és
De Deus, a criação, que em todo coração sepulta o amor
O riso, a fé, a dor, em sândalos olentes, cheios de sabor
Em vozes tão dolentes, como um sonho em flor

Assim, encontramos no hino do “sempre altaneiro” Corinthians, “esporte bretão” em vez de futebol; no do Palmeiras, “que a dureza do prélio não tarda” etc. No extremo oposto, o da opção pela linguagem popular e espontânea, temos por exemplo, os sambas de Noel Rosa.

No caso de nossa expressão, no mesmo tempo em que surgiram as formas jocosas (“mais perdido que cego em tiroteio” etc.) que examinaremos, havia também formulações mais “sérias”, como:

solidão do apagado
mais perdido que o infinito
de um sol sem ser amado
(“Jornal do Maranhão” 30-08-1970)

Naturalmente, vão prevalecer no gosto do povo as formas lúdicas e criativas. A propósito, anotamos uma importante curiosidade: nossa expressão tem uma “pré-história”. Como veremos, a expressão (e suas diversas formas) surge na BN na década de 1970 e logo ganha o gosto popular e a imprensa. Mas, curiosamente, temos para essa expressão um caso precursor anos antes, que não vingou. Esse ancestral ocorreu na coluna “A Toca”, do jornal “A Cidade de Santos”, de 31 de julho de 1967. Nela, uma nota comenta a propósito de um tropeço do poderoso Santos de Pelé:

Mais perdido do que Ademir da Guia só bicho dos santistas quando não joga Pelé.

2. “Está mais perdido que...” na BN

A primeira aparição jocosa de nossa expressão dá-se na forma que será de longe a mais usual e consagrada no gosto popular: “mais perdido que cego em tiroteio”. Ela surge na coluna do cronista Manga Rosa, em “O Fluminense” de 19-03-1971, apresentando ao leitor gírias recentes. Na mesma década (e nas seguintes) será inúmeras vezes copiada e, até hoje, é a mais lembrada quando perguntamos pela expressão.

Mas logo surgem variantes e alternativas. Como as que, curiosamente, encontramos no “Diário de Natal”:

mais perdido que nortista quando chega em São Paulo (03-10-1975).

... nordestino no centro de São Paulo (11-10-1976).

O mesmo jornal propõe uma outra:

... anão em jogo de basquete (25-11-1976).

“O Pasquim” também tem suas formulações jocosas:

... sardinha em cardume de tubarão (07-04-1978).

... cego em briga de foice (29-01-1981).

... cachorro cego na chuva (14-04-1983).

... cueca em lua de mel (23-01-1986).

Em “A Tribuna da Imprensa” (RJ):

... morcego em noite de temporal (21-07-1982).

... bêbado em tiroteio (04-04-1991).

... peru de terreiro (09-11-2000)

... balas em noite de apagão (15-05-2001)

Em “O Correio de Notícias” (PR):

... cachorro caído do caminhão de mudança (01-12-1984). [repete-se]

Em “O Jornal dos Sports” (RJ):

... marreco em galinheiro (09-04-1982).

... piloto de teco-teco em manhã de forte cerração (24-07-1995).

... surdo-mudo em festa rave (17-07-2003).

Em “O Papel de Pão” (RJ):

... boi em vaquejada (Junho de 1983).

Em “O Repiquete” (AC):

... cego em procissão (25-03-1985).

Em “O Diário do Acre”:

... pitomba em boca de banguela (25-09-1982).

[a pitomba, fruta abundante na região amazônica, é de fato um problema para o banguela.



Em “O Diário da Manhã” (PE):

... sapo em cancha de bocha (17-12-1982). [repete-se]

Em “O Fluminense”:

... barata em galinheiro (05-04-1980). [repete-se]

Na “Folha de Boa Vista” (RR):

... bêbado em ladeira (08-03-1987).

Em “O Pasquim” de São Paulo:

... traque em bombacha (10-07-1986).

Em “O Jornal do Commercio” (RJ):

... cachorro em dia de mudança (23-04-1990). [repete-se]

Em “O Correio do Norte” (SC):

... azeitona em boca de banguela (12-02-1994).

Em “O Correio do Povo” (SC):

... o russo no espaço quando caiu a União Soviética (17-07-1993).

... cebola em salada de fruta (01-04-2005)

Em “Jornal da Orla” (SP):

... cachorro em procissão (26-07-1997).

No “Correio Brasiliense”:

... bêbado em fim de festa (20-08-2003).

Na “Gazeta de Caxias” (RS):

... cego no escuro (07-04-2001).

... bêbado em procissão (08-12-2001).

Em “O Município” (SC)

... político em audiência do Tribunal de Contas (19-03-2010). [repete-se]

... calcinha em lua de mel (20-06-2014). [repete-se]

No “Tempo Todo” (RS)

... cupim em metalúrgica (21-11-2003)

No “Correio do Norte” (SC)

... cachorro em final de feira (10-11-2006).

No “Jornal do Boqueirão” (SP)

... empregada desajeitada (06-08-2005).

No “Expresso Popular” (SP)

... avião da Malásia (20-03-2014).

[o famoso caso do avião da Malaysia Airlines, que desapareceu misteriosamente em 2014, foi reativado e o governo da Malásia

anunciou – em 25-02-2025 – a retomada das buscas pela aeronave!]
(UOL, 2025).

No “Expresso Popular” de 09-07-2018, nossa expressão tem sua última incidência na BN. Precisamente em sua fórmula inaugural e de longe a mais repetida: “mais perdido que cego em tiroteio”.

3. O uso da expressão no esporte e na política

Utilizar expressões populares para descrever ou criticar as várias situações políticas no país, tornou-se um recurso quase indispensável para a mídia brasileira, sobretudo durante o período da ditadura militar até a redemocratização.

Como por exemplo, no “Pasquim” (RJ), “Mais perdido que...” retrata com uma enorme precisão as incertezas do rumo que tomaríamos em meados da década de 1980.

...Mais perdido que cachorro cego na chuva (03.04.1983)

A edição trata sobre os possíveis sucessores de Tancredo Neves no cargo de governador de MG, dando prioridade ao desamparo do PDS, partido que sucedeu o partido ARENA e que passava por dificuldades em enfrentar os novos partidos que surgiram na década de 1980. A referência à chuva como elemento que dificulta a orientação pelo faro do animal, com isso, o cachorro fica desorientado, característica atrelada ao sentimento político da época.

Mais perdido do que cachorro que caiu do caminhão de mudança

Na década de 1990 a ênfase fica por conta do abandono no tumultuado cenário político que foi estabelecido e agravado pela crise econômica, a hiperinflação e por planos econômicos frustrados. Além das migrações interestaduais que ocorreram no mesmo período. Uma ideia de que na mudança (perda) da residência, o animal não é só dispensável, como fica deslocado na situação e por vezes abandonado.

O esporte é outro campo bastante rico da linguagem popular. Metáforas, figuras de linguagens e termos oriundos especialmente do futebol, quase sempre não se limitam ao campo de jogo.

Mais perdido que a zaga do Flamengo na bola parada (04.09.2015)

Publicada no “O Município” de Brusque - Santa Catarina, ano em que o time estava mal no campeonato brasileiro, sob um contexto de crítica à hipótese de uma tentativa do Governo Federal de Brasília em restituir o CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) com intuito de equilibrar as contas públicas. Porém, a partir da impossibilidade de restituição desse imposto, houve o aumento tributário sobre bebidas alcoólicas.

Mais perdido que sapo em Cancha de Bocha (17.10.2008)

Uma das ocorrências desse termo foi também foi utilizada no “O Município”, mais especificamente na seção sobre assuntos mais descontraídos do jornal, denominada “Papo de Bar”. A bocha é um esporte famoso no Sul do Brasil e a cancha onde é praticado não é um ambiente seguro para um sapo. O trecho faz alusão à fama de “secador” do narrador Galvão Bueno, jocosamente acusado de dar azar durante as corridas do piloto brasileiro Felipe Massa:

E na madrugada desse domingo tem também a penúltima etapa da Fórmula 1, na China. Vamos torcer para que o Galvão Bueno não exerça o seu poder de centrífuga para secar o Massa dessa vez... Ele não secando já é meio caminho andado porque o Luiz Hamilton já está mais perdido que sapo em cancha de bocha!

Bom, se a fama faz justiça ao narrador não sabemos, fato é que naquele ano, Massa perdeu o título para o piloto inglês na última volta, em uma corrida narrada pelo Galvão. Um clássico exemplo do humor e a originalidade do povo brasileiro na expressão de sua criatividade a serviço do lúdico.

4. Considerações finais

Se desconsideramos a isolada incidência “pré-histórica” da expressão “estar mais perdido que” na imprensa brasileira, encontramos 118 aparições na BN, em 37 formas distintas, ao longo de 47 anos (entre os anos 1971 e 2018) em jornais e revistas de praticamente todos os estados da federação. O que dá uma média (arredondando) de 2,5/ano, com a seguinte distribuição:

1971-79	14 incidências
1980-89	38
1990-99	23
2000-09	30
2010-18	13

Meia dúzia de formas se repetem umas poucas vezes, mas a expressão que impera absoluta é “mais perdido que cego em tiroteio”, cujo número de incidências supera o de todas as outras formas somadas! Algumas sentenças são muito criativas e sugestivas, como: “sardinha em cardume de tubarão” ou “cebola em salada de fruta”; outras, tolas ou preconceituosas como “cego no escuro” ou “empregada desajeitada”. Mas todas podem competir em engenhosidade jocosa.

As lúdicas expressões “mais perdido que...” surgem em um momento em que a linguagem espontânea, informal e jocosa, compete com (e supera) uma antiga postura da mídia: artificial, afetada e pretensamente erudita.

Os números acima – tão expressivos da criatividade lúdica do brasileiro – são eloquentes em favor da instalação desse novo padrão para a imprensa: mais próximo da linguagem do povo.

Referências

BN, Biblioteca Nacional. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 2025/1.

LAUAND, Jean. Linguagem e expressões brasileiras – Pequeno dicionário sociológico, filosófico e teológico. São Paulo: Cemoroc, 2024. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/ebookDicion3.pdf>. Acesso em: 2025/1.

_____. Pequeno dicionário filosófico e sociológico de expressões brasileiras. São Paulo: Enguaguaçu, 2023. 348p.

UOL. Empresa americana vai retomar as buscas pelo voo MH370 da Malaysia Airlines. UOL Notícias, 25 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2025/02/25/empresa-americana-vai-retomar-as-buscas-pelo-voo-mh370-da-malaysia-airlines.htm>. Acesso em: 2025/1.

Recebido para publicação em 25-07-25; aceito em 22-08-25